



Os direitos animais como contribuição para uma Educação Ambiental não-especista

Priscila Camargo Reis¹

Victor Hugo Guimarães Rodrigues²

Resumo: Enquanto movimento contra-cultural do século XXI, o Abolicionismo Animal vem, como o movimento ambientalista de outrora, anunciando novos modos de estar-no-mundo e outra forma de relação sociedade-natureza, sendo os animais (humanos e não-humanos) parte dela. Tal Movimento traz uma nova chama para contribuir com a Educação Ambiental. O presente artigo buscou mostrar as interfaces da exploração animal com seus reflexos éticos, econômicos, sociais, ecológicos e mentais e como, mediante uma mentalidade e comportamento não-especistas, poderíamos melhorar nossas práticas cotidianas e educacionais.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Especismo; Direitos Animais.

Abstract: While counter-cultural movement of the XXI century, the Animal Abolitionism comes as the environmental movement of yesteryear, announcing new ways of being-in-world and another form of relationship between society and nature, and animals (human and nonhuman) part of it. Such Movement brings a new flame to contribute to Environmental Education. The present paper aims to show the interfaces of animal exploitation with ethical, economic, social, ecological and mental its reflections and as a mindset and behavior by non-specisist could improve our everyday practices and educational.

Keywords: Environmental Education; Specism; Animal Rights.

¹ Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental na Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA/FURG). Contato: reis.bio08@gmail.com

² Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Mestre em Filosofia (Antropologia Filosófica) UFSM. Doutor em Filosofia (Estética), USP. Universidade Federal do Rio Grande-96208-900 – Rio Grande- RS- Brasil.

Introdução

O movimento ambientalista ou ecológico foi estigmatizado muito tempo pelo rótulo de utópico e romântico, como toda mensagem que vem anunciando rupturas de comportamento e novos modos de estar-no-mundo. Por mais sensatos e científicos que fossem seus alertas, o senso comum tachava os ativistas como malucos e chatos.

Passadas quatro décadas após seu nascimento, a questão ambiental é pauta governamental dos países, preocupação educacional em espaços formais e não-formais de ensino, discutida nos meios midiáticos, interesse das empresas e assunto cotidiano das pessoas.

A Educação Ambiental, um braço desse Movimento, é hoje multifacetada e tanto um quanto outro estão em constantes transformações, auto-avaliações e aprimoramento, além de receber influências as mais diversas. Cada um atua nesse caldeirão polissêmico conforme suas perspectivas ideológicas e conceituais. Dentro dele, a perspectiva antropocentrada tem sido apontada como base do desequilíbrio de nossa sociedade com a natureza.

Uma nova chama que surge para inovar e alimentar esse setor é a propaganda-ação de um Movimento que, apesar de raízes antigas, vem tomando fôlego desde o final do século XX: O Movimento pela Libertação Animal. Os defensores dos direitos animais propõem o fim da exploração dos demais animais pelos seres humanos, para que aqueles não mais sejam tratados como meios para nosso fins, e tentam viver de acordo esses princípios.

A estigmatização de outrora se repete. Afinal, atualmente o Abolicionismo Animal ou Movimento pelos direitos animais pode ser considerado aquele que levanta a bandeira de maior ruptura de nossos costumes, que anuncia uma forma totalmente diferente de se relacionar com os outros seres sencientes³, e, conseqüentemente, com o meio. Em um processo histórico, seus adeptos tentam dar corpo a esse sonho construindo, como BOFF (1999, p.82) descreve as utopias não utopistas, “passo a passo os mil passos que o caminho exige”.

³ Seres dotados de sensibilidade e capacidade de distinguir estados de prazer e dor, ou seja, têm consciência de seu sofrimento, são sensíveis aos danos a eles impostos, evidenciando, assim, estados mentais.

Os efeitos da exploração animal

Em uma cultura especista⁴, os animais não-humanos são inferiorizados e seus interesses desconsiderados. Seu alicerce possui raízes milenares, anteriores à cultura judaico-cristã. Outras religiões, não-cristãs, como nos lembra THOMAS (2001, p.29), também “tinham seus mitos sobre a autoridade que Deus concedera ao homem para dominar o mundo natural”. O antropocentrismo não foi apenas da Europa ocidental:

O culto da natureza não evitou a poluição industrial no Japão. Os problemas ecológicos não são exclusivos do Ocidente, pois a erosão do solo, o desmatamento e a extinção de espécies tiveram lugar em partes do mundo onde a tradição judaico-cristã não teve qualquer influência. Os maias, os chineses e os povos do Oriente Próximo foram capazes de destruir seu meio ambiente sem a ajuda do cristianismo. (THOMAS, 2001, p.29)

A Ciência Moderna inaugurada em meados do século XVIII estabeleceu a necessidade do ser humano dominar todas as “coisas”, buscando consolidar a visão segregada homem-natureza, convictos de uma diferença fundamental (e hierarquizada) entre a humanidade e as demais formas de vida. O homem estava para o animal como o céu estava para a terra, a alma para o corpo, a cultura para a natureza (THOMAS, 2001, p.42).

Mas essa insistência tão grande em distinguir o humano do animal também teve consequências importantes para as relações entre os homens. Negamos a “humanidade” nos animais para também negarmos a nossa “animalidade” e assim, criar culpas e condenações, repressão de tudo que é natural em nós. Distinguiu-se humano de animais, para assemelhá-los aos seres humanos considerados inferiores e destituí-los de qualquer empoderamento e direitos, fossem mulheres “rabugentas”, loucos, delinquentes, jovens rebeldes e desobedientes, povos de outras culturas:

Uma vez percebidas como bestas, as pessoas eram passíveis de serem tratadas como tais. (...) Nas colônias, a escravidão, com seus mercados, as marcas feitas a ferro em brasa e o trabalho de sol a sol, constituía uma das formas de tratar os homens vistos como bestiais. A domesticação dos animais fornecia várias das técnicas para enfrentar a delinquência: Freios para mulheres rabugentas; celas, correntes e palha para os loucos; cabrestos para as mulheres vendidas em leilão no mercado, num rito informal, porém amplamente aceito de divórcio. A educação dos jovens era muitas vezes comparada ao amansamento de cavalos. (THOMAS, 2001, pp.53, 54).

⁴ Quem pratica o especismo: preconceito de espécie.

Natureza, mulheres, negros, crianças, índios, outros animais, pobres são todos vítimas desse pacote discriminatório. Tidos como cegos, mudos e indiferentes, passam então a ter valor instrumental e a valer só pelo que podem gerar de riqueza, conforto ou prazer para grupos hegemônicos.

Vacas “leiteiras”; galinhas “poedeiras”, coelhos, cães, gatos, ratos e camundongos em laboratórios; matrizes de reprodução de animais de estimação; animais em circos e rodeio só ficam vivos (e sem poder exercer sua natureza de forma devida) enquanto “dão” produtos de seus trabalhos, depois são descartados. Viram bife, ração, *nugget*, ou simplesmente são jogados no lixo. O comércio animal poderia se inserir nas discussões sobre mercantilização da natureza e a mercantilização dos corpos, o que causa dor, sofrimento e morte de bilhões de indivíduos.

A mulher bonita passa a ser escrava da indústria da beleza e é chamada de “gostosa”, de “filé”, é reduzida a um pedaço de carne, bem como o animal que é colocado no prato, entre o pão, na chapa, no sapato, ou nas lentes de um microscópio: deixa de ter um rosto.

Como um trabalhador que doa sua força de trabalho por um salário insuficiente, por descanso insuficiente, a troco de uma “sobrevivência”, um cavalo também é explorado para puxar carroças a troco de uma comida e um abrigo (quando muitas vezes sequer isso lhes é dado decentemente).

Quando se aposenta, o trabalhador passa a ser visto como um peso, algo que sobra e dá prejuízo, assim deve ser logo “descartado”, usando-se para isso estratégias como aumento do tempo de contribuição de serviço, redução de benefícios da previdência, dificuldade de acesso a bons serviços de saúde... Não raras vezes depositados em asilos.

Esse tipo de relação entre seres humanos têm raízes comuns com a exploração animal por ambas terem como princípio o pensamento de dominação, subjugação e hierarquia. Conforme BOOKCHIN (1991, p.15) “a noção da dominação da natureza pelo homem provém da mesmíssima e verdadeira dominação do homem pelo homem”, como concorda o geógrafo Dennis Bluwol:

A humanidade sente-se no direito de explorar os animais para os seus próprios fins e para gerar sua própria riqueza material, assim como os ricos e donos dos meios de produção (burguesia) sentem-se no direito de explorar os pobres e proletários para seus próprios fins e para gerar sua própria riqueza material. Ou seja, uma parte da humanidade sente-se como elite social com direito de explorar o resto da espécie, assim como a espécie humana sente-se como elite do planeta com direito de explorar o resto da natureza. (BLUWOL, 2010, p. 80)

As consequências para o ambiente em si, da exploração animal são diversas. Como aponta um recente estudo da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, 2009), a criação massiva de animais para consumo humano está no centro de quase todas as catástrofes ambientais: destruição de florestas e sua consequente ameaça à biodiversidade e à segurança genética das espécies, desertificação, escassez de água doce, poluição do ar e da água, chuva ácida, aumento do efeito estufa, erosão e esgotamento do solo, além da enorme pressão sobre os ecossistemas marinhos. Moran (1993, *apud* Greif, 2002) ressalta que “a criação de gado, acima até mesmo da mineração e da extração de madeiras, é a maior causa de desmatamento na Amazônia brasileira, em especial no sudeste amazônico”. E seja o boi indo ao pasto ou o pasto indo ao boi, a catástrofe ambiental e animal continuará gravíssima.

Segundo a FAO (2009), para se produzir 1 kg de carne são necessários cerca de 13.000 litros de água, enquanto para a produção de 1 kg de cereais entre 1.000 e 2.000 litros são suficientes. Na computação do impacto da pecuária para os “recursos” hídricos também devem ser incluídos a eutrofização dos cursos d’ água devido ao despejo dos dejetos dos animais, cheios de bactérias, antibióticos, hormônios, nitrogênio e fósforo e até mesmo pesticidas (oriundos de sua alimentação), o que leva ao consumo excessivo do oxigênio (DBO) dissolvido na água e consequente morte de peixes e outros seres aquáticos. A quantidade de matéria fecal com que o gado contribui para a adubação da terra e que de fato é aproveitada pelas plantas, de forma alguma pode ser comparada com a quantidade de recursos que se utilizou para produzi-la (GREIF, 2002).

Há ainda a emissão de gases do "Efeito Estufa", como revela estudo (feito de 2003 a 2008) realizado por um grupo de pesquisadores do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA), vinculado à Universidade de São Paulo (USP): A fermentação que ocorre no estômago dos bois é responsável por cerca de metade das emissões gases do efeito estufa no Brasil. (Cf. <http://www.cruzeirodosul.inf.br/img/texto-.gif>)

A pressão sobre o ambiente marítimo também é grande. Segundo BRÜGGER (2008), “desde cerca de 2003 aproximadamente um terço das espécies de peixes e frutos do mar entrou em colapso”.

Há repercussão de atividades de exploração animal também na ecologia social, estando ligada inclusive ao trabalho infantil e escravo, além de conflitos de terra. Segundo um relatório publicado em 2006 (que compilou dados de 1995 a 2005), a Organização Internacional do Trabalho (OIT) informa que, no Brasil, a pecuária é uma das principais atividades que utilizam o trabalho escravo (OIT, 2006, p.67).

Ademais, a pecuária apresenta capacidade de concentração de terra e renda, decorre em conflitos agrários e por vezes com os indígenas. A atividade provoca ainda abandono de pequenas propriedades rurais, atuando como pressão sobre o êxodo rural, aumentando os “sem-terra” e desempregados, que muitas vezes migram para as cidades, inchando as periferias, engrossando a massa dos “sem-teto”, contribuindo para o acréscimo da criminalidade. Cenário esse muito bem retratado no documentário “Nas Terras do Bem-Virá” (2007).

A cultura do hambúrguer estimula, ademais, que as novas gerações desconheçam as próprias fontes alimentares locais constituídas principalmente de vegetais, e estimula o desprezo de partes importantes dos vegetais e seu mau aproveitamento (GREIF, 2002).

A exploração animal causa insensibilização nas pessoas e desconsideração de alteridade por outro ser (e vice-versa). Atividades como carrocinhas e espetáculos como rodeio, circo, touradas, rinhas, entre outros, e ambientes como zoológicos e parques aquáticos prestam um completo desserviço a criança e adolescentes em formação, dando exemplos de indiferença perante a dor, o sofrimento e humilhação de outro ser.

O Federal Bureau of Investigation (FBI, a polícia federal dos Estados Unidos) realizou uma análise da história de vida dos assassinos seriais, na década de 1970, e chegou ao resultado de que 80% deles começaram torturando animais quando crianças (Cf. http://www.pea.org.br/curiosidades/curiosidades_estudo_01.htm). Tiroteios ocorridos em diversos colégios dos Estados Unidos, por exemplo, têm em comum o fato de que os adolescentes criminosos já se haviam destacado anteriormente por atos de violência contra animais (BORGES, s.d). Um estudo intitulado “Agressores sexuais juvenis e suas experiências com pets”, desenvolvido pelo Departamento de Psicologia da Universidade de Erlangen, na Alemanha, em 1999, também demonstrou a conexão entre violência contra animais não-humanos e violência contra os humanos.

Outra relação que podemos tecer entre essa maneira de pensar e as vítimas da dominação antropocêntrica é que, da mesma maneira como maltratamos os animais e por vezes os enjaulamos, também transpomos esse comportamento para as árvores. No meio urbano, as árvores também são enjauladas: cimentamos tudo ao seu redor, deixando apenas um quadrado diminuto para que elas usufruam. Mas isso impossibilita o adequado desenvolvimento da árvore e prejudica o crescimento das raízes, o que acaba por destruir as próprias calçadas e provocar acidentes pela queda das árvores que foram impedidas de se fixarem e se nutrirem adequadamente. Inconsequentemente as pessoas plantam qualquer árvore sem nenhum planejamento ou estudo, apenas visando o bem-estar humano, e

quando lhes convém cortam as mesmas árvores. Uma atitude estupidamente instrumental e egoísta. Além disso, árvores são podadas sem o mínimo cuidado para privilegiar os fios!

Quando esse pensamento muda, não cabem mais comportamentos de subjugação do outro, seja o outro de que espécie, cor, sexo, idade, classe for.

O abolicionismo animal vem a contribuir com a causa ambiental, pois propõe uma mudança de valores. E nossa relação com o ambiente e entre nós somente pode tornar-se positiva, se modificarmos os padrões que se instalaram em nossas mentes e moldaram a maneira como atuamos no mundo e uns com os outros. A teoria da Libertação Animal enriquece a Educação Ambiental, tornando-a menos antropocêntrica e mais harmoniosa para com os indivíduos das demais espécies do reino *Animalia* que compartilham o ambiente conosco.

Quando traçaram uma sólida linha divisória entre o homem e os animais, o principal propósito dos pensadores do início do período moderno, segundo THOMAS (2001, p.49), era “justificar a caça, a domesticação, o hábito de comer carne, a vivisseção⁵ (que se tornou a prática científica corrente, em fins do século XVII) e o extermínio sistemático de animais nocivos ou predadores”. Transpondo essa barreira e propondo uma relação diferente para com os outros animais, uma relação de respeito, esse comportamento agressivo e pernicioso seria evitado. A biodiversidade poderia ser beneficiada com isso, uma vez que animais seriam apreciados soltos, em liberdade, e nossa alimentação vegetal poderia ser menos homogeneizada, com o consumo, conhecimento e plantio de maior variedade de grãos, frutas e hortaliças, por exemplo. Como lidamos com os demais animais se reflete na conduta que estabelecemos com o ambiente em geral e com a comunidade onde vivemos.

Novas possibilidades de relação

Sempre houve pessoas que destoaram do pensamento hegemônico de sua época, sonhando com um mundo melhor para todos os seres.

Entre os séculos V e VI a.C., na Grécia, Pitágoras (565-497 a.C) assumia sua posição favorável aos animais, pois acreditava na transmigração das almas. Para Pitágoras

⁵Do latim *vivus*, ‘vivo’+ *seccione*, ‘secção’. Segundo a definição clássica, é operação feita em animais vivos para estudos fisiológicos, mas o termo é aplicado genericamente a qualquer forma de experimentação animal que implique intervenção com vistas de observar um fenômeno, alteração fisiológica ou estudo anatômico (REIS, 2008, p.2). Também pode ser conceituado como intervenção em animais vivos (anestesiados ou não) com objetivos experimentais (GREIF e TRÉZ, 2000, apud REIS e TRÉZ, 2009, p.78)

a amabilidade para com todas as criaturas não-humanas era um dever (GOLDIM & RAYMUNDO, 1997). Ainda na Grécia, como aponta LEVAI (2004, p.18) outros pensadores, como Pitágoras defenderam o vegetarianismo: Porfírio (233-304) e Plutarco (45-125), por exemplo. Na Itália dos séculos XV e XVI, Leonardo Da Vinci (1452-1519) foi um grande defensor dos animais (cf. REGAN 2006, p.27). Na Inglaterra, em 1776, o pastor anglicano Humpry Primatt (1735-1777) foi o primeiro a ressaltar a semelhança de todos os animais dotados de sensibilidade e a necessidade de abolir todas as formas de crueldade contra eles (cf. CUNHA, 2007). Suas ideias influenciaram o escritor britânico Henry Salt (1851–1939), que, segundo o historiador MÜLLER (2011), foi em seu tempo um dos mais eminentes defensores dos animais, e também de reformas sociais, inserindo a questão animal na esfera laica e política. Para Salt, a extensão de direitos aos demais animais constituía uma etapa no progresso moral e social da humanidade (MÜLLER, 2011). Ainda na Inglaterra, em 1789, o filósofo Jeremy Bentham (1748-1832), contemporâneo de Primatt engrossa a crítica filosófica à tirania do ser humano frente aos animais não-humanos, baseando seus argumentos na dorência e na capacidade dos seres em sofrer (cf. BARBOZA, 2008). Em meados de 1800 surgiu a Vegetarian Society, na Inglaterra.

No século XIX, devido ao advento da Ciência Moderna e da experimentação animal surgiram sociedades protetoras de animais, como a associação criada por Fanny Bernard em 1883, que acolhia animais abandonados os quais iam parar nos laboratórios científicos (cf. LEVAI, 2011), bem como opositores célebres à prática, como o filósofo francês Voltaire (1694-1778), que criticou o uso dos animais nas experimentações científicas e sua redução a meras máquinas (cf. SINGER, 2004, p.228).

LEVAI (2004, p.28) lembra que, no Brasil do século XIX, José do Patrocínio (1854-1905), jornalista republicano, escreveu em sua coluna no jornal “A Notícia”: “Eu tenho pelos animais um respeito egípcio. Penso que eles têm alma. Ainda que rudimentar, e que eles sofrem conscientemente as revoltas contra a injustiça humana.”

Em 1895 o Brasil presencia o surgimento de sua primeira entidade de proteção animal. A UIPA, União Internacional Protetora dos Animais, nascia na capital paulista com intuito de lutar contra a exploração, crueldade e o abandono que vitimam os animais.

Em 1924, em âmbito nacional, foram vedadas licenças para brigas de galo e canários, corrida de touros e novilhos e qualquer diversão do gênero que causasse sofrimento aos animais (LEVAI, 2004, p.30). Em 1934, um decreto federal proibiu maus-tratos em animais. A crueldade animal passou a ser contravenção penal.

Já no século XX fundou-se a Vegan Society, na Grã Bretanha, inaugurando o veganismo⁶. Em março de 2010 foi fundada a Sociedade Vegana no Brasil, antecedida pela Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) em 2003.

BOOKCHIN (1991, p.23) diz que uma tentativa revolucionária deve reorganizar o sentimento para reordenar o mundo real. O Abolicionismo Animal permite, então, que, mediante uma empatia e alteridade para com os outros animais, se pense sobre nossa própria condição e reformulemos nosso mundo através da mudança de nossos sentimentos e pensamentos.

Uma vez que a maneira pela qual os animais são usados na relação homem-animal está profundamente indissociada do *modus pensandi* individual e coletivo dos seres humanos, com valores de dominação e exploração, e que essa “paisagem mental” se reverbera na forma como nossa sociedade se estrutura, cujo sistema de valores é imbuído de hierarquia antropocêntrica de caráter instrumental⁷, que atinge nossa própria espécie quando determinamos as pessoas que devem ter mais direito que outras, ou pior, sobre as outras. Havendo, portanto paralelo entre o sexismo, o racismo e o especismo. Segundo BOOKCHIN (1991, p.19) “a hierarquia não é meramente uma condição social: também é um estado de consciência, uma sensibilidade frente a fenômenos em qualquer nível de experiência pessoal e social”.

Se no começo do século XX o ideário de liberdade, igualdade e fraternidade, segundo RODRIGUES (2008) “foi construído a partir de uma pretensão da razão humana de dominar o mundo e submeter a natureza aos fins humanos”, é o momento de vivermos novas utopias, possibilitando novo encantamento com o mundo, subvertendo o senso comum do mundo atual.

O Abolicionismo Animal, quando se incorpora à vida de uma pessoa, inaugura um mundo completamente novo. Como se uma cortina que embaçava os olhos fosse dissipada, o indivíduo começa a enxergar toda a crueldade que é acometida aos outros animais dia após dia, com sua contribuição.

⁶ O termo “vegan” surgiu em 1944 em uma reunião organizada por Donald Watson (1910 - 2005) após desvincular-se da Vegetarian Society (SINGER, 2007, p.203) e fundar a Vegan Society, na Grã Bretanha. O termo vinha para diferenciar as pessoas que excluía todos os itens de origem animal de suas atividades, e não apenas a carne. O veganismo, portanto, começou como um aprofundamento do vegetarianismo. Trata-se de uma filosofia de vida motivada por convicções éticas baseada na consideração dos animais enquanto sujeitos de suas vidas. Não sendo atrelada a nenhuma religião ou seita, corrente política ou movimento artístico, tampouco se restringindo a uma dieta. Embora se possa vinculá-lo a vários princípios políticos, como a desobediência civil e a não-violência, por exemplo.

⁷ Quando o indivíduo é valorado conforme sua “utilidade” para quem o usa enquanto um recurso, um objeto, um meio para seus fins.

Os direitos animais permitem vislumbrar, então, a grande rede conectada à exploração dos animais, com seus fios estendidos não somente ao sofrimento dos mesmos (seja nos abatedouros; nos laboratórios; em empresas de produção de casaco de pele; em canis; em lojas de comercialização dos chamados pets; em circos; rodeios, touradas; nas ruas; carroças; criadouros -de pássaros, galinhas, peixes, hamsters, entre outros- nos zoológicos; na produção de leite, ovos e carnes -brancas e vermelhas), mas também sobre as prioridades econômicas e políticas (que privilegiam atividades ambientalmente desastrosas- como a pressão sobre os bens marítimos, os desmatamentos e a monocultura de grãos- que têm como pano de fundo a indústria da carne), o que por sua vez levam à concentração de renda e desigualdades sociais e a relação com a própria saúde. Quando se nota isso, percebemo-nos vítimas (e algozes) do mundo posto, aceitando passivamente as informações, os hábitos e costumes.

Passa-se, então a buscar meios de viver nesse mundo desejado, com a esperança de que haja um mundo sem exploração. Mesmo que seja um mundo construído de maneira micro dentro do lar, por exemplo, e tentando mostrar para as demais pessoas que se é possível viver nesse sonhado mundo. A esperança de que esse pensamento e essa visão toquem mais pessoas mantém a divulgação do Abolicionismo Animal.

Os defensores dos direitos animais buscam a ruptura com o instituído⁸, e através de seu sonho de um mundo sem especismo, criam realidades inimagináveis, que tem se concretizado a passos cada vez mais rápidos.

Santuários de animais, por exemplo, resgatados de fazendas, circos, zoológicos, rinhas, entre outros, já existem no Brasil, como o Santuário das Fadas (Itaipava-RJ), o Rancho dos Gnomos (Cotia-SP) e associados ao Projeto GAP (Sorocaba-SP, Vargem Grande-SP, Ibiúna-SP), bem como outras opções de alimentação e produtos (roupas, acessórios, calçados, cosméticos, materiais de limpeza e higiene, entre outros) que não envolvem crueldade/exploração/sofrimento animal e grupos de proteção, castração e doação de animais domésticos e domesticados como cães e gatos, além da proteção a cavalos (por exemplo o grupo “Chicote Nunca Mais”) e grupos e institutos que educam para o fim da exploração animal (sob as mais variadas abordagens) e em prol da alimentação vegana. Livros sobre o tema têm sido cada vez mais escritos em diversas vertentes, desde a filosófica, até a científica, passando pela legislação. Na Academia, inovações têm sido presenciadas devido à fomentação de métodos substitutivos à

⁸ Para BAREMBLITT (2002, p.157) o instituído “tem uma tendência a permanecer estático e imutável, conservando *de juri* estados já transformados *de facto* e tornando-se assim resistente e conservador”.

exploração animal, como já pode ser visto em algumas Faculdades de Medicina, Medicina Veterinária, Enfermagem e Biologia nas regiões do Sudeste e do Sul do Brasil, trazendo avanço e atualização na Ciência e no ensino.

Pensamento e alimento se retroalimentam. A mudança de alimentação inevitavelmente faz com que se tenha maior consciência não só de suas escolhas e dos impactos que elas causam (positivos ou negativos), mas do próprio corpo também e da relação deste com o meio externo. Se algo não faz bem para a natureza, conseqüentemente não fará bem ao nosso corpo, uma vez que somos constituídos dos mesmos elementos (minerais, água, ar, microorganismos comensais). “Ao termos mais responsabilidade por nós mesmos e pelo impacto de nossas escolhas no mundo, estamos começando a nos transformar. Este é o caminho para superar a desesperança”, ensina LAPPÉ (1985, p. 71).

Mais um aspecto revolucionário do Abolicionismo Animal: Excluindo-se ingredientes de origem animal de nosso cardápio e melhorando nossa alimentação, não só deixamos de contribuir com o sofrimento animal, como ganhamos mais saúde (desde que a alimentação seja equilibrada), e de acordo com HIRSCH (1985), "a saúde é subversiva porque não dá lucro a ninguém".

Se fizermos mal ao nosso organismo, até nosso humor piora. Com mau humor, as relações que teremos com outras pessoas serão negativas e assim, não contribuiremos para um mundo melhor e mais saudável em todos os níveis. Alimentar-se de dor e sofrimento, como bem ensina LEME (2010, p.26), “só pode nos causar mais dor e sofrimento, mesmo que essa dor demore anos para aparecer, como é o caso de quem se alimenta de carne a vida inteira e depois constata o aparecimento de doenças que levam, respectivamente, a mais dor e sofrimento”.

O alimentar-se não implica somente em ética, mas também no cuidado de si, de nossa ecologia interna, além de todas suas implicações econômicas e financeiras, culturais, ecológicas/ambientais e sociais . Sendo assim, percebe-se o quanto “a casa dos sonhos precisa criar um ambiente no qual sejam forjadas as novas utopias culturais, fontes de ruptura da paralisia resultante da morte das utopias: econômicas, políticas e sociais” (RODRIGUES, 2011, p.7)

LAPPÉ (1985, p. 46), entretanto, afirma algo importante a ser salientado:

Uma mudança na alimentação não é resposta. A mudança na alimentação é um modo de experimentar um pouco mais do mundo verdadeiro, ao invés de viver num mundo ilusório criado por nosso sistema econômico vigente, onde nossas riquezas nutricionais são

ativamente reduzidas e onde a alimentação é tratada como mais uma mercadoria (...). A mudança na alimentação é um modo de dizer simplesmente: fiz uma escolha. Mas este é apenas o primeiro passo.

Ciente dessa condição, BLUWOL (2010, p.75) nos lembra que “de qualquer maneira, a questão é que, se a mentalidade vegana estiver presente em uma pessoa, muitas atitudes diferentes poderão decorrer”. E que o veganismo apenas como opção de consumo tem papel transformador até certo nível. Que quando vai além dessa característica, “possibilita a construção de outros modos de viver e se relacionar; a construção de outras culturas, de outras formas de estar inserido no todo, de fazer parte da natureza” (BLUWOL, 2010, p. 76).

A comodidade de não pensar por si mesmo não acarreta apenas em exploração animal, mas em nosso próprio sofrimento e empobrecimento cultural e imaginativo. Concordando com BLUWOL (2010, p.79) “‘alimentos’ que diminuem vitalidade, energia e concentração são obstáculos à compreensão e transformação do mundo em que vivemos”.

A falta de empatia e alteridade pode não ser uma simples questão de gosto ou de caráter. Pode ser um sintoma doentio. Uma ecologia mental poluída, devido a fatores biológicos associados à ecologia social na qual o sujeito foi inserido e moldado. Mais uma prova que Descartes estava errado. A dualidade razão versus emoção é extremamente pernicioso. Talvez por isso, em sociedades mais saudáveis não haja tanta dualidade entre corpo e mente, humano e animais, humano e natureza, e conseqüentemente sejam menos agressivas.

A mentalidade (e principalmente a atitude) abolicionista e anti-especista parece ir ao encontro do que RODRIGUES (2011, p.4) prega sobre a relação da (des) poluição interna com as práticas ecológicas:

é muito fácil observar a poluição que se vê desde o exterior. (...). Porém, mesmo que o mundo todo fosse limpo exteriormente num dia, voltaria a ser totalmente preenchido e contaminado de lixo ambiental no dia seguinte. Isto porque é desconsiderado que grande parte da poluição é interior. Sendo invisível, parece não existir em sua virulência catastrófica. Sendo assim, os pesquisadores da Educação Ambiental acabam presos na lógica dos discursos, que levam à paralisia das ações, ao ressentimento e ao fracasso, já que não implicam necessariamente numa prática ecológica efetiva para mudar o interno/externo em suas intrincadas conexões.

E completa: “Ao pretendermos transformar o mundo precisamos aprender a transmutar o mundo que há dentro de dentro de nós” (RODRIGUES, 2011, p.6). O desejo de dominação pode ser o primeiro passo.

O papel da educação ambiental

A relação não-antropocentrada proferida pelo Abolicionismo ou Libertação Animal provoca uma maior atenção para nosso próprio corpo e ao ambiente à medida que se deseja diminuir ao máximo que se possa o sofrimento animal, deixa-se de consumir produtos alimentícios provindos dessa fonte, o que inevitavelmente faz com que as pessoas despertem para o que colocavam antes dentro do próprio organismo sem ao menos perceber, e passam (ou deveriam) a se informar sobre cada ingrediente e fontes mais naturais de alimentação, uma vez que são as que menos prejudicam os animais e conseqüentemente a si mesmos.

Tendo-se mais saúde, depende-se menos de remédios oriundos da indústria farmacêutica que recorre à experimentação animal de seus produtos. Percebendo-se que quanto mais industrializados e artificiais os produtos forem, mais impacto gera aos animais, seja por perda de habitat, poluição, ou experimentos científicos, inevitavelmente o boicote a esses produtos reduz sua necessidade de produção e diminui os impactos ao meio, seja por redução de embalagens, seja pela própria fabricação dos mesmos.

À medida que educar ambientalmente é também auto-educar-se, poderíamos dizer que o processo de percepção e do respeito pela senciência dos animais (e esses, considerados membros do ambiente) e, conseqüentemente, de si mesmo, é também uma educação ambiental. Uma educação ambiental não-especista. Uma educação ambiental que interliga todos os aspectos cotidianos perpassados pela instrumentalização dos animais não-humanos em nossas atividades, em nossa cultura em geral, portanto em nossa pedagogia, visto que, conforme SILVA (2009, p. 139), “tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade”. Neste contexto, “o que é cultural é também uma pedagogia” (Ibidem).

A educação é fundamental na construção de nosso caráter e de nossa visão de mundo. Ela tem a capacidade de construir identidades culturais e perpetuá-las, mas também tem o poder em potencial de reformular os valores sociais.

O especismo se consolida paulatinamente, dentro da família, na comunidade, na escola e em livros infantis e até mesmo na Educação Ambiental e outros ambientes de

ensino-aprendizagem ambiental , faz parte de nossa pedagogia cultural, e rompê-lo é também um processo pedagógico. Para LEVAI (2004, p.126), os processos educativos são fundamentais para se romper com o ciclo de violência contra os animais:

De todas as medidas de salvaguarda animal, nenhuma mais promissora do que a educação. Os pais e professores podem influenciar decisivamente na formação do caráter de uma criança, ensinando-lhe os valores supremos da vida, em que se inclui o respeito pelas plantas e pelos animais. Não há outro jeito de mudar nossa caótica realidade social senão por meio de um processo de aprendizado de valores e princípios verdadeiramente compassivos. Infelizmente, a falta de senso moral continua sendo uma das principais causas da violência contra os animais.

REIGOTA (2009, p.15-16), afirma que “a ética ocupa um papel de importância fundamental na Educação Ambiental. Desconstruir a noção antropocêntrica é dos princípios éticos da Educação Ambiental”. BRÜGGER (2004, p. 117) corrobora a afirmação do autor, ensinando que “em uma educação realmente ambiental, haveria lugar para o resgate da dimensão ética e implicaria também uma avaliação crítica da dimensão individualista, tão marcante em nossa sociedade”.

Considerando que o egoísmo tem sido causa do fracasso da humanidade e dos danos que causamos, cremos ser muito importante uma Educação Ambiental não antropocêntrica, que vise “ampliar a visão para além da mente muito estreita que percebe o mundo apenas a partir daquilo que gera benefícios próprios, que define prioridades sem se preocupar com o que está acontecendo, ou possa acontecer, a sua volta, pois essa estreiteza caracteriza o problema ecológico” (cf. Samten *et al.*, 2004, p.109-110). A Libertação Animal pode ter uma grande contribuição nesse processo.

Transformar o mundo pode ser intangível, mas se fazemos parte do mundo e essa pequena parte se modificar, o todo já não será mais o mesmo. Destarte, mudar a nós mesmos é a única coisa que podemos controlar, a única sobre a qual podemos ter domínio e, mesmo assim, é algo radical e impactante para o mundo.

Ultrapassar o especismo nosso de cada dia e a exploração de qualquer ser senciente (incluindo o ser humano), seja qual for o motivo, é um esforço hercúleo, mas que abolicionistas de todas as épocas (inclusive da escravidão humana) mostraram e mostram ser possível.

Considerações finais

Percebendo o especismo como síndrome da crise ambiental atual, provocada justamente pela maneira como nos relacionamos com o meio e com os seres desse meio, entendemos a importância da problematização dos direitos animais para a Educação Ambiental como construtora de novas formas de estar no mundo, ajudando a ressignificar nossa própria existência.

Acreditamos que essa proposta de se relacionar com os animais das demais espécies de maneira positiva é uma grande contribuição à causa ambiental e educacional por diversos motivos, não somente devido aos impactos ambientais (e suas consequências em nossa saúde e bem estar) que a exploração animal acarreta, ou aos impactos sociais e econômicos da pecuária (e da agricultura monocultural que a sustenta), mas também por isso atingir nossos corpos, corações e mentes, podendo diminuir tanto o sofrimento que impomos aos animais não-humanos bem como àquele que nos afeta em decorrência dessa cruel condição.

O Movimento pela Libertação Animal nos alerta para a necessidade da reordenação de nossos sentimentos, de nossa ecologia interna, de nossos sonhos e desejos, possibilitando que inclua o outro em nossas considerações. Os defensores da Libertação Animal vêm ensinar, pelo exemplo, a prática de uma Ética não antropocentrada e como se auto-educar para a liberdade e para a ruptura com os paradigmas aí estabelecidos, que provocam dor, morte e degradação.

Como vimos, a sujeição de corpos de seres vivos (que são por si mesmos natureza) poderia ser enquadrada no contexto de mercantilização da natureza, o que ocorre ao darmos valores de uso e lucro à instrumentalização dos animais das demais espécies. O Abolicionismo Animal confronta essa sujeição e propõe uma nova ética.

Acreditando que “uma ética nova pressupõe uma ótica nova” (BOFF, 1999, p.22), talvez seja a hora de ver os animais com outros olhos, para podermos mudar a ética que guia nossa sociedade. E, concordando, com o educador ALVES (2004) que “a primeira função da educação é ensinar a ver”, poderíamos caminhar na direção apontada pela Libertação Animal para podermos ver juntos o direito que todos têm à vida e à liberdade, despertando e desenvolvendo, assim, uma visão e prática sistêmicas.

Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. *A complicada arte de ver. Texto extraído da seção "Sinapse", jornal "Folha de S.Paulo", versão on line, publicado em 26/10/2004.*

ANIMAL, Projeto Esperança. **Estudos Relacionam Violência a Agressões Contra Animais.** Disponível em: http://www.pea.org.br/curiosidades/curiosidades_estudo_01.htm. Acesso: 20 de julho, 2013.

BARBOZA, J. *A Mitleidsethik e os animais ou Schopenhauer como precursor da ética animal.* Ethic@: **Revista Internacional de Filosofia da Moral.** Florianópolis, v.7, n. 2, p. 253-265, Dez. 2008.

BAREMBLITT, Gregorio. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática.* 5ª Ed. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.

BLUWOL, Dennis Zaga. *Ética Libertária Interdependente - veganismo, ecologia, saúde, política e liberdade.*In:Silvana Andrade. Visão Abolicionista: Ética e Direitos Animais. São Paulo: Libra Três, 2010.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra.* Petrópolis, RJ:Vozes, 1999.

BOOKCHIN, Murray. *La Ecología de La Libertad - El Surgimiento y La disolución de La jerarquia.* Trad.: Marcelo Gabriel Burello.2ª Ed. Móstoles: Nossa y Jara Editores, 1991.

BORGES, Fátima. *Relação entre crueldade com seres humanos e com animais.* Disponível em: <<http://mortas.wordpress.com/2011/11/06/psicopatia-e-a-crueldade-com-animais/>>. Acesso: 10 de novembro de 2011.

BRÜGGER, Paula C. *Educação ou adestramento ambiental?* 3ªed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

_____. *Dieta vegana e sustentabilidade (g)local.* Pensata Animal, Florianópolis, n.17, 2008. Disponível em: <http://www.pensataanimal.net/index.php?option=com_content&view=article&id=77:dieta-vegana&catid=45:paulabrugger&Itemid=1>

CUNHA, Luciano Carlos. *Conceitos para que seja possível se pensar a ética animal.* Florianópolis: 2007. Disponível em: <http://www.sentiens.net/pensata/PA_ENS_eticaglobal_luciano_05.html>

GOLDIM, Jose Roberto; RAYMUNDO, Marcia Mocellin. *Pesquisa em Saúde e os Direitos dos Animais.* 2ª ed. Porto Alegre: HCPA, 1997.

GREIF, Sérgio. *Sustentabilidade econômica e ecológica mediante a opção pelo vegetarianismo.* **Cadernos de Debate.** Vol.9, Campinas, p. 55-68, 2002.

HIRSCH, Sonia. *Deixa Sair-Dieta sem dieta*. São Paulo: Correcotia, 1985.

LAPPÉ, Frances Moore. Trad.:Sílvia Branco Sarzana. *Dieta para um pequeno planeta*. São Paulo: Global,1985.

LEME, Malu Paes. *Alimentação Inteligente-Receitas Naturais*. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2010

LEVAI, Laerte Fernando. *Direito dos animais*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2004.

_____. *Fanny Bernard uma voz antivivisseccionista no séc. XIX*. Disponível em: <<http://www.observatorioeco.com.br/fanny-bernard-uma-vozantivivisseccionista-no-seculo-xix/>>. Acesso: 18 de setembro de 2011.

MÜLLER (2011),Bruno. *O sentido do vegetarianismo – do vegetarianismo holístico aos direitos animais*. Disponível em: <<http://www.anda.jor.br/2011/02/11/o-sentido-do-vegetarianismo/>>. Acesso: 11 de Setembro de 2011.

NATIONS, Food and Agriculture Organization of the United. **The state of food and agriculture: livestock in the balance**. Roma, Itália: FAO, 2009. Relatório disponível em: <http://www.fao.org/docrep/012/i0680e.pdf>. Acesso: Maio, 2011.

REGAN, Tom. *Jaulas Vazias*. Porto Alegre: Lugano, 2006.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental?* 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasilienses, 2009.

REIS, Priscila Camargo. *A experimentação animal na Universidade Federal de Goiás: elementos para uma abordagem crítica*. Monografia apresentada à Coordenação do Curso de ciências Biológicas, da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Biológicas. 2008.

REIS, Priscila Camargo; TRÉZ, Thales Astrogildo. *A experimentação animal na Universidade Federal de Goiás: elementos para uma abordagem crítica. Contrapontos*. Vol. 9 nº 2, Itajaí, pp. 77 – 89, 2009.

RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. *Filosofia Onírica De Gaston Bachelard em Mundos Desencantados e Tempos Sombrios. Ambiente e Educação*. Vol.: 13, pp.67-82, 2008.

_____. *Ecologia Onírica e Psicologia Transpessoal - Convergências*. Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia Transpessoal, apresentado à Unipaz-Sul e FISUL/RS como requisito para obtenção do título de especialista, 2011

SAMTEN, Padma; Vitor Caruso Jr. *O Lama e o Economista - Diálogos sobre Budismo, Economia e Ecologia*. São Carlos: RiMa, 2004

SINGER, Peter. *Libertação Animal*. Ed.rev. Porto Alegre: Lugano, 2004.

SINGER, Peter; MASON, Jim. *A Ética da Alimentação: Como nossos hábitos alimentares influenciam o meio ambiente e o nosso bem-estar*. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

SILVA, Tomáz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SUL, Jornal Cruzeiro do. *Pecuária emite metade do carbono do País*. Meio ambiente. Sorocaba, p.1, 10 de dezembro de 2009. Disponível em: <<http://www.cruzeirodosul.inf.br/img/texto-.gif>>

THOMAS, Keith. *O Homem e o mundo Natural- Mudança de atitude em relação às plantas e aos animais: 1500-1800*. Trad.: João Roberto Martins Filho. 4ª Reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

TRABALHO, Organização Internacional do. *Relatório sobre trabalho escravo no Brasil*. 2006.